

# VEICULOS DE MÁ LINGUAGEM

de Luís Laranjeira

Não há, da parte de quem escreve estas linhas, pruridos estultos de purista da língua. Pelo contrário, entende que, quando qualquer vocábulo de uma língua estranha nos acode ao pensamento e é susceptível de traduzir o sentido do que desejamos escrever, não há lugar para hesitações quanto ao seu emprego.

Ramalho e Eça estão ericados de galicismos e de espanhollismos que, longe de os deslustrarem, dão à sua prosa maior elasticidade e harmonia. Desejamos, apenas, apontar certos defeitos de linguagem—tam correntemente empregados por pessoas responsáveis—com o propósito de contribuir, na limitada medida das nossas posses, para o termo da tremenda barafunda ortográfica em que nos debatemos, não obstante as nossas quasi ridiculas atitudes paternais com o Brasil.

//

Em Portugal, fazem-se quasi periodicamente espantosas campanhas contra o analfabetismo, mas, desgraçadamente, ninguém consegue aferir os benefícios que delas resultam, do mesmo modo que ninguém consegue atingir os motivos ocultos que as inspiram. Rebelde a vélhas terapêuticas, o flagelo persiste e ganha terreno, de um modo apavorante. E' um problema de raízes profundas, que é impossível extirpar com a vã retórica dos grandes rotativos, os quais são grandes réus no crime da deficiência mental da população que os lê.

Longe de cuidarem seriamente do recheio das suas páginas, tornando-o a um tempo amêno, atraente, agradável e instrutivo, enfim, proficuo, cuidam somente do aspecto exterior, especulam com certos assuntos gratos ao paladar ineducado das turbas, estimulando-lhe o mau gosto e perpetuando-lhe a ignorância.

No intervalo das retumbantes campanhas, uns senhores com ares importantes, que exibem petulantemente um distintivo com a inscrição *E pur si muove*, bolsam fundos doutorais que ninguém entende, sobre os fundamentos da língua, sua evolução e muitos etceteras. E contudo, o leitor atilado, poderá sem esforço encontrar logo por baixo desses succulentos arrazoados lingüísticos, asneiras de tomo.

Atente-se, por exemplo, na frequência com que os jornalistas epigrafam *Algéria* em vez de *Argélia*, ao noticiarem quaisquer ocorrências desse país. Mais grave, porém,

quando alguns leitores desejosos de ampliar os seus conhecimentos, formulam perguntas e esses senhores lhe ensinam coisas fora de uso, depois de lhe dizerem que qualquer *diccionário* daria a explicação pedida. Eis um exemplo. Um leitor curioso, perguntou ao encarregado de uma secção *sui generis* de um diário portuense, se devia escrever *emigrar* ou *imigrar*. A resposta foi esta:—*Emigrar* é sair do país em que se nasceu para ir estabelecer-se noutro; *immigrar*—com *i* e com dois *m*—é entrar num país para nêle se estabelecer.

Não discuto a exactidão da resposta, mas não compreendo a recomendação da consoante *dobrada*, se qualquer *diccionário* regista o termo de ambos os modos e se as consoantes dobradas foram banidas pela reforma ortográfica.

//

Atribui-se ao cinema um papel importante para o melhoramento das aptidões mentais das camadas menos cul-

tas. Na verdade, assim é. O cinema realiza um trabalho de divulgação técnica, científica e artística, que sem êle seria impossível. Contudo, no cinema, como no jornalismo, deparam-se-nos coisas pavorosas. Há dias assisti à exhibição de um *film*, no qual se via um homem e uma mulher entrar num restaurante e, enquanto *êle* dava instruções ao *maitre-d'hôtel*, *ela* cedendo aos efeitos de um soporativo que fora obrigada a ingerir, adormeceu. Querendo mostrar-se solícito, o *maitre-d'hôtel* perguntou ao cliente se queria que a despertasse deixando cair um *prato* e fez o gesto correspondente. O legendista traduziu: *Quere que deixe cair um guardanapo?*

O *film* era falado em francês e, nem o facto de um guardanapo caído não fazer ruído bastante para despertar uma pessoa, nem o gesto concomitante ao oferecimento do criado, impediram que o tradutor da legenda confundisse *assiette* com *serviette*.

Depois destes exemplos por

demais edificantes, não é de admirar que o rapaz da mercearia escreva grandes letreiros reclamando a *ervilha francesa*; que o taberneiro aceite *començais*; que o hospedeiro exhiba um descumal *aluga-se quartos*; que o seralheiro diga à brunideira que *passa, conserta-se ferros de brunir*; que o empregário anuncie a *tournée*, etc... etc... Mas não é tudo. Há mesmo livros didáticos, com aprovação superior, peçados de erros, e, ali para Viana do Castelo, lecciona instrução primária um pobre diabo que comeu o *h* do vocábulo *hélio*; que fala de cabelos *oxidados*, de espelhos *oxigenados* e que, fazendo o elogio de umas laranjas vindas da Rhodésia, chama esta região da Africa do Sul, uma ilha *portuguesa* que fica na Austrália!!!

E' inútil prosseguir.

Pergunta-se, contudo: quando se enfrentará, decidida e carinhosamente, o problema da capacitação intelectual de toda a população do país?

## De um diário velho

(Continuação da página anterior)

duros sentimentos compartilhados, que o dá. E' isto, êste existir à parte sufocado!

//

Gostava de escrever... de ter língua, mas uma língua forte e simples, desafectada, impulsiva, verdadeira, sem compostura, sincera, uma língua expressiva (estou a vêr, mentalmente, se descubro como a de quem, e só me lembro da da pobre Emília, falando da sua Poldina, encostada à ombreira daquela porta...) para retalhar os meus estados de espírito.

Falaria hoje, se pudesse, do da surpresa. Do estado desassossegado que nos fica da surpresa.

Mas eu que esperava, que podia esperar? Nada!

E senti-me subitamente decepcionada e desarmada, surpreendida...

Tão confusos e desordenados desejos e ansiedades, batidos, amachucados!

E que há, claro, em mim? Neste momento, creio que nada. Espanto, talvez. E não bem espanto, mas uma incerta impressão de desaire e de amargura, de desconcerto. De vexame? Não, val além, mais fundo!

Falar... Sim, será bom para romancistas; falar das crises morais, supostas! Falar é uma arte, não se compadece com a desordem. A linguagem da desordem infelizmente é inexpressiva... e repugna, cansa, ofende!

Disse que estimava saber dizer o que comigo se passa. Devia antes estimar saber, conhecer, o que se passa... Ou ler-me de mim! ou readquirir um equilíbrio!

//

Que dia tão bonito, tão bonito!

O Tejo corre, parece-me que vejo a água correr e brilhar. Os barcos cruzam-se uns com os outros, tudo se move para aqueles lados... Saber reter tudo isto, com a brevidade e a fulgência das impressões! seria encantador.

E' a água, cheia de malhas brancas, sem nome próprio, que ilumina o ar...

Esta terra é curiosa!

Tenho, de vez em quando, uma sensação de renovo em mim. Achar, por exemplo, curiosa esta terra, que creio conhecer até o osso!... Uns pobres que vi parados lá para baixo, estão agora ali, a cantar. Rodeiam-nos gaiatos e marçanos. Uma pequenita, de cintura muito apertada e com um chapéu de homem, pôs-se à janela a ouvi-los. Tem graça...

Fecho a janela, escrevo, tudo esmorece...

//

Ontem, aquele homem, de quem mal me lembrava já (que tipo! a sua defesa da higiene quando eu lhe falava de delicados interesses do espírito! naturalmente sem aplomb de terminologia e sem categorismo...) lisonjeou-me ao meu feminino. Todo êle é calor, transporte, efusão. Português de lei! A superficialidade e a suave, aveludada sucata das suas homenagens, não deixaram de me consolar. Coisas que me dizem! Preciso de que se ocupem de mim, mesmo assim, grosseiramente!

Sinto que me acolho aos outros e, ao mesmo tempo, que me recupero.

E tudo isto, êste mau estar há-de passar, há-de extinguir-se. Há-de mudar...

//

Só uma referência... e nem um nome... mas há-de ter bastado!

Subtilíssima mulher! E há-de saber que eu e outros lemos... e sentir-se vingada, compensada, enaltecida...

Nada de generalizar! Se me ponho a fazer de uma criatura um centro banal, um ponto de referência, desconformo-a, e aparto-me insensivelmente dela, desnifico-me dela...

Tal qual como se apanha um insecto que voa, ou que salta: de cachapuz! Mas não posso: ela vira-se para mim... Não a apanhei!

Há muito tempo que a não vejo, mas aquela pequena referência trouxe-ma ao convívio. Que romanesca, que maravilhosa pessoa! Tudo nela é forte e deformado, despuadorado, alterado. Mas finalmente obsecante, tenaz...

Achou perante quem *faire la roue!* para, para... o cobiçado prémio, a glória daquela referência-sinha! A sua ambição é tanta, e tão insatisfeita, que se alegra com pouco...

E cá ando eu à roda dela;—mas parece-me complicadíssimo tocar os seus traços, as suas formas vivas! Ora me avulta, de lembrança, a sua incrível adaptabilidade aos mais opostos tipos, ora os seus despeitos irreprimidos, ora o seu riso sacado, ora a sua côr especial, ora todo o seu corpo e os seus pés... Rígidos, num ser tão maleável!

Que sobrelava nela? A acurada e pobre ambição, de quê? de tudo... a desconfiança? uma certa delicadeza de gosto? uma crueldade mal sofreada, corrosiva, sempre alerta?

Curiosíssima! terrível e superiormente humana! Com os laivos de todo o fel e de toda a contrariedade experimentáveis... e infelizmente desagradável, intratável, pela sua muito sensível falta de bondade! de relaxe moral comum.